

Depredações de ônibus mostram crise do Transcol

Cristina D'Ávila

Um protesto por mês com quatro ônibus depredados somente este ano. Essa realidade mostra os sinais da mais grave crise do transporte coletivo da Grande Vitória depois da implantação do projeto Transcol. A passagem cara (Cr\$ 800,00), subindo acima da inflação oficial, os carros velhos — hoje 68,27% da frota de 1015 ônibus têm idade superior a 10 anos —, a superlotação, o atraso de horários, a sujeira e alta velocidade dos veículos e até a mudança das roletas para a parte dianteira do carro revoltam os passageiros. A Ceturb está preocupada com os problemas, mas espera resolver parte deles até o final de 92.

O incêndio do ônibus da Viação Viturca da linha Terminal de Carapina a Jacaraípe, na Serra, na noite de quinta-feira, mostrou que o transporte coletivo, carro-chefe da campanha do governador Albuíno Azere do em 90, não vai tão bem das "pernas". Na verdade, esta foi a segunda depredação ocorrida em 92. O primeiro quebra-quebra ocorreu no dia 8 de fevereiro, quando os moradores de Carapebus indignados com o atraso de mais de duas horas do ônibus da Viação Viturca decidiram protestar.

Manifestações

Uma outra manifestação ocorreu quatro dias depois do quebra-quebra, quando foram paralisados 13 ônibus da Viação Nova Formate, em Cariacica devido ao não cumprimento do itinerário dos veículos por causa das más condições das estradas em Cariacica. Duzentos moradores do Bairro Areinha, em Viana, no final do mês passado, pararam também, três ônibus da Viação Santa Zita por três horas contra as deficiências do transporte. A situação talvez não fosse tão preocu-



Foto de Chico Guedes

A Federação das Associações de Moradores acha difícil prever e controlar atos como o de Carapina

pante se no ano de 91 não tivessem sido registrados 11 protestos — a maioria organizada no município da Serra — cobertos pela imprensa.

É a população mais simples, com menor poder aquisitivo, que sofre no seu dia-a-dia com os problemas do Transcol. Nos pontos de ônibus e terminais, é muito fácil encontrar passageiros criticando a qualidade do serviço. O marceneiro Moacir Alves de Souza, 39 anos, de Campo Grande, em Cariacica, queixou-se da demora dos coletivos que só passam em seu ponto a cada 40 minutos. O pior, para ele, é de manhã quando vem para o trabalho em Fradinhos, Vitória; muitos veículos passam direto em seu ponto, com gente pendurada nas portas de tão lotados. Isso sem falar quando os coletivos não quebram no meio da viagem.

"Caranguejo"

A mesma crítica foi feita pe-

la empregada doméstica Eliana de Oliveira Almeida, 25 anos, de Rio Marinho, em Cariacica. Ela anda nos ônibus das viações Nova Formate e Santa Zita e revela que é obrigada a acordar mais cedo para conseguir um lugar no ônibus até o seu trabalho, na Praia do Cantão. A dona de casa Donália Cláudio Assunção, 63 anos, de Sotema, Cariacica, reclamou da mudança das roletas. "Quando vou saltar fico tonta. Não gosto de andar para trás. Não sou caranguejo", protesta.

O encarregado de obras Emílio Moreira da Silva, 47 anos, de Rio Marinho, Vila Velha, acha um "absurdo" a qualidade do serviço de transporte oferecido pelo Governo diante de uma passagem tão cara. O atraso, a sujeira e os carros velhos são os motivos de sua insatisfação. Ele, que trabalha em São Diogo, na Serra, conta que

sai do trabalho às 17 horas, mas só consegue chegar em casa três horas depois, às 20 horas, por causa dos poucos horários e da superlotação dos veículos.

O pedreiro Carlos Eduardo Alves, 22 anos, de Bicanga na Serra, reclamou dos ônibus das linhas Bicanga via Manguinhos e Bicanga via CST que passam direto nos pontos mesmo estando vazios. "Hoje (sexta-feira), passaram uns quatro direto". A secretária Rosângela Fernandes, 32 anos, que mora em Sossego, na Serra, contou que se vê obrigada a ir para casa, depois do trabalho, fazendo parte do percurso a pé por causa da demora do ônibus Central de Carapina. No Terminal de Carapina, ela pega o veículo da linha São Marcos e anda 10 minutos a pé para ficar mais tempo com suas três crianças que a aguardam em casa.

Federação critica Governo

A coordenadora-geral da Federação das Associações de Moradores e Movimentos Populares do Espírito Santo (Famopes), Arlete Pereira, acha que falta vontade política do Governo do Estado para resolver os problemas do transporte coletivo. O setor, para ela, é avaliado pelas autoridades apenas em seus aspectos técnicos, mais precisamente a relação custo-receita do serviço. Arlete espera que os quebra-quebras não se generalizem, mas admite que não se tem como prever e controlar a ira da população contra a má qualidade do serviço.

As depredações dos ônibus, para Arlete, refletem o nível de tolerância dos passageiros aos atrasos, filas enormes, superlotação, ônibus velhos, com passagem cara. A coordenadora da Famopes contou que esperava que a população com o Transcol não fosse andar em ônibus cheios. Ela citou o seu exemplo para mostrar também que o tempo gasto antes da integração da linha que a leva do centro de Vitória até a escola onde leciona em Barcelona, na Serra, aumentou de 45 minutos para uma hora e quinze minutos com o Transcol.

Mudanças

A Famopes é contra a mudança da roleta dos ônibus para a porta dianteira. A medida foi adotada em 30% da frota de veículos do Transcol (400 ônibus) e visa reduzir o custo da passagem, através do combate aos passageiros que andam de graça. Arlete contou que os ônibus velhos, por não terem bom freio, acabam colocando em risco a vida dos passageiros que, com o novo sistema de entrada nos ônibus, são obrigados a andar de costas para sair do coletivo. Isso sem falar nos arranques dados pelos motoristas, acentuou.

Na quinta-feira, os membros da Famopes estiveram reunidos com um representante da Secretaria Estadual dos Transportes, onde apresentaram uma lista de reivindicações que o Governo ficou de responder. Um dos itens refere-se aos frequentes aumentos de passagem. A Famopes quer que os próximos



Foto de Gildo Loyola

Arlete: a população está irada

reajustes sejam discutidos com a entidade. O problema todo é que a Federação integra o Conselho Tarifário com um membro mas não vinha participando das reuniões por não considerá-lo democrático e ter apenas um caráter consultivo.

Antes do Cotar, era o Codivit responsável, entre outras funções, pela definição dos índices de reajuste das passagens dos ônibus. A Famopes tinha cinco representantes e com os prefeitos da Grande Vitória chegou a ter maioria no colegiado, barrando, desta forma, os reajustes. O então governador Max Mauro reformulou o Codivit, criando o Cotar, e a Famopes decidiu ficar de fora. Agora, a Federação quer participar do Cotar para, pelo menos, ter controle das informações e saber quem é quem no Conselho.

A Famopes, também, é contra a decisão do Governo do Estado de deixar nas mãos das empresas de transportes a comercialização do vale-transporte e do passe escolar. Arlete Pereira defende que o poder público assuma este papel e desfrute das vantagens advindas da aplicação do dinheiro pago antecipadamente pelos passageiros que compram vale-transporte e passe escolar aplicados hoje pelas empresas no mercado financeiro. "O Governo dá moleza para o empresário, enquanto poderia usar o rendimento desse dinheiro para reduzir os custos do serviço".

Empresa está em dificuldades

Foto de Walter Monti

O diretor-presidente da Companhia de Transportes Urbanos da Grande Vitória (Ceturb), José Eduardo Faria de Azevedo, há menos de um mês no cargo,



Azevedo nega crise

nega a crise vivida pelo Transcol hoje. Para ele, o serviço passa por uma "fase de problemas" que podem ser superados ainda este ano. José Eduardo mostrou preocupação diante da possibilidade dos quebra-quebras se generalizarem no sistema e aponta a recessão econômica e a ausência de investimentos do Governo federal no setor como os vilões dessa situação.

O dirigente da Ceturb citou que a conjuntura econômica e social tem deixado seus reflexos danosos no transporte. Com o desemprego e o baixo valor do salário mínimo acabam surgindo uma disparidade entre a capacidade de pagamento do passageiro e o alto custo do serviço. Ele entende que o valor da tarifa dos ônibus do Transcol "está dentro da média nacional", apesar da população que anda no Transcol ter um baixo poder aquisitivo.

Atraso

Essa situação, para ele, resulta na dificuldade de se melhorar a qualidade do serviço por causa do custo elevado dos insumos — combustível, veículos, peças, pneus, entre outros. Uma outra dificuldade citada refere-se à falta de investimentos no sistema. Ele admite que no ano passado o setor viveu "uma fase de estagnação" no que se refere a melhorias do serviço.

Como exemplo citou o atraso na construção do terminal de Campo Grande, previsto para a primeira fase do Transcol e que deveria estar funcionando desde 91, em razão da Justiça ainda não ter dado ao Governo a emissão de posse do terreno, desapropriado para a construção da obra. Com isso, cerca de 30 mil pessoas de Cariacica e parte do município de Viana continuam pagando duas tarifas de Cr\$ 800,00 para se locomover entre dois municípios na Grande Vitória.

A não-liberação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDES) de quase US\$ 50 milhões para investir na pavimentação de 55 quilômetros de vias, aquisição de 500 ônibus pela iniciativa privada com linha de financiamento especial — 390 do modelo convencional e 110 padron — e construção dos terminais de Campo Grande e Cariacica, além de ampliação dos de Carapina e Laranjeiras, fez os problemas acumularem, admitiu. O BNDES já aprovou o projeto do Governo em outubro, mas a matéria depende da posição do Conselho Monetário Nacional. Algumas dessas obras serão iniciadas com recursos próprios do Governo do Estado este ano.